

Educação Híbrida no Ensino Superior: um mapeamento sistemático

Blended Learning in Higher Education: systematic mapping

Educación Híbrida en la Educación Superior: un mapa sistemático

Fábía Magali Santos Vieira

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

<https://orcid.org/0000-0001-9497-5789>; E-mail: fabiamsv@gmail.com

Eliane Schlemmer

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

<https://orcid.org/0000-0001-8264-3234>; E-mail: elianeschlemmer@gmail.com

Aline Patrícia Sobral dos Santos

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

<https://orcid.org/0000-0002-7065-6959>; E-mail: aline.filo.edu@gmail.com

RESUMO

Este estudo analisa concepções, desafios e possibilidades da Educação Híbrida no Ensino Superior por meio de um mapeamento sistemático da literatura (2015 a 2025), com corpus constituído por 91 estudos dentre 37.185 registros coletados em seis bases. Os dados indicam aumento da produção a partir de 2020, influenciado pela pandemia de covid-19 e por políticas de transformação digital, evidenciando a transição de modelo instrumental para perspectiva ecossistêmica e conectiva, a persistência de desigualdades de acesso, limitações formativas e resistências institucionais. Conclui-se que a Educação Híbrida, alinhada ao paradigma OnLIFE, consolida-se como forma pedagógica em múltiplos espaços-tempos, demandando políticas de inclusão, formação docente e revisão curricular.

Palavras-chave: Educação Híbrida. Ensino Superior. Educação OnLIFE. Inovação Pedagógica.

ABSTRACT

This study analyses conceptions, challenges, and possibilities of Blended Learning in Higher Education through a systematic literature mapping (2015–2025), based on a corpus of 91 studies selected from 37,185 records retrieved from six databases. The findings indicate an increase in scholarly output from 2020 onwards, influenced by the COVID-19 pandemic and digital transformation policies, revealing a transition from an instrumental model to an ecosystemic and connective perspective, persistent access inequalities, formative limitations and institutional resistance. It concludes that blended learning, aligned with the OnLIFE paradigm, is consolidating as a pedagogical form across multiple spaces-times, requiring policies for inclusion, teacher education and curricular revision.

Keywords: Hybrid Education. Higher Education. OnLIFE Education. Pedagogical Innovation.

RESUMEN

Este estudio analiza concepciones, desafíos y posibilidades de la Educación Híbrida en la Educación Superior mediante un mapeamiento sistemático de la literatura (2015–2025), con un corpus de 91 estudios seleccionados entre 37.185 registros recuperados en seis bases de datos. Los resultados indican aumento de la producción desde 2020, influido por la pandemia de COVID-19 y por políticas de transformación digital, evidenciando la transición de un modelo instrumental a una perspectiva ecossistémica y conectiva, desigualdades de acceso, limitaciones formativas y resistencias institucionales. Se concluye que la educación híbrida, alineada con el paradigma OnLIFE, se consolida como forma pedagógica en múltiples espacios-tempos y exige políticas de inclusión, formación docente y revisión curricular.

Palabras-clave: Educación Híbrida. Educación Superior. Educación OnLIFE. Innovación Pedagógica.

1. Introdução

A Educação Híbrida consolidou-se como uma das principais estratégias pedagógicas do século XXI. Para Moreira e Horta (2020), esse processo é resultado de um movimento histórico de integração entre práticas presenciais e digitais, inserida em um contexto mais amplo de transformação da cultura educacional, marcada pela ubiquidade das tecnologias digitais e pela emergência de novos ecossistemas de aprendizagem. Em especial, o avanço da cultura digital e a intensificação da conectividade global têm redefinido o papel das instituições de ensino superior que incorporaram arranjos metodológicos flexíveis com tecnologias digitais (Andrade; Monteiro, 2020).

Desse modo, a educação híbrida expressa, no plano pedagógico, as exigências, possibilidades e complexidades inerentes ao Paradigma da Educação OnLIFE. A pandemia da COVID-19 (2020–2022) representou um ponto de inflexão nesse processo. Ao exigir o fechamento temporário das instituições e a adoção de soluções remotas emergenciais, ela catalisou a transição de modelos instrucionais rígidos para desenhos curriculares mais flexíveis e híbridos (Pasini *et al.*, 2020). A experiência global de ensino remoto emergencial revelou tanto as potencialidades quanto as fragilidades da integração tecnológica no ensino superior, direcionando pesquisadores e gestores a repensar o papel das tecnologias digitais não como substitutas, mas como extensões dos processos de ensino e de aprendizagem.

No cenário brasileiro, essa reconfiguração foi acompanhada por avanços regulatórios. O Parecer CNE/CP n.º 14/2022 (Brasil, 2022) e o Parecer CNE/CP n.º 34/2023 (Brasil, 2023a) estabeleceram diretrizes nacionais que consolidam os processos híbridos de ensino e aprendizagem como estratégia formativa permanente. Tais documentos sinalizam uma mudança de concepções em relação aos processos híbridos de ensino e aprendizagem, deixando de ser uma medida emergencial para assumir a condição de política pública de inovação pedagógica, alinhada à Lei n.º 14.533/2023, que institui a Política Nacional de Educação Digital (Brasil, 2023a).

Essa normatização reflete o reconhecimento dos processos híbridos de ensino e aprendizagem não como uma nova modalidade de ensino, mas como uma integração curricular, pedagógica e tecnológica de atividades presenciais e não presenciais, com

Tecnologias Digitais (TD), buscando flexibilizar os tempos e espaços de aprendizagem, visando promover o desenvolvimento de competências nos estudantes e otimizando o uso de tecnologias em um mesmo *continuum* educativo (Brasil, 2023a).

No plano teórico, autores como Moran (2015, 2018) defendem que a educação híbrida representa uma reorganização dos tempos e espaços de aprendizagem que desloca o foco da transmissão de conteúdo para a autonomia e o protagonismo do estudante. Horn e Staker (2015) definem o hibridismo como convergência intencional entre ambientes presenciais e virtuais. O hibridismo, trabalhado a partir do conceito de Latour (2012) e, de acordo com Schlemmer (2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019a, 2019b, 2020); Schlemmer, Moretti e Backes (2015); Schlemmer, Backes e La Rocca (2016) é compreendido a partir do fluxo das ações, interações e comunicação entre Ator Humano (AH) e Ator Não Humano (ANH). Essa compreensão ocorre, principalmente: em espaços geográficos e digitais, incluindo o próprio espaço híbrido; pela presença física e digital virtual (perfil em mídia social, personagem em jogo, avatar em metaversos, por *webcam* ou, ainda, por holograma), portanto, presenças plurais; por meio de tecnologias analógicas e digitais integradas, de forma que juntas favoreçam diferentes formas de comunicação e interação textual, oral, gráfica e gestual; num imbricamento de diferentes culturas (digitais, pré-digitais, tribais, eruditas, dentre outras), constituindo-se em redes e fenômenos indissociáveis, interligando naturezas, técnicas e culturas (Schlemmer, 2020).

Diante desse cenário de transformação conceitual e prática, este estudo mapeou a produção do conhecimento científico sobre Educação Híbrida no Ensino Superior entre os anos de 2015 e 2025, identificando as concepções predominantes, os desafios e as possibilidades, relatados na literatura científica nacional e internacional. Desse modo, a questão norteadora que orientou esta investigação é: *como as concepções, desafios e possibilidades da Educação Híbrida têm se configurado na Educação Superior, no Brasil e no exterior, no período de 2015 a 2025?*

2. Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como um mapeamento sistemático de literatura, de abordagem quantitativa e qualitativa, orientada por protocolo de identificação, busca,

triagem, elegibilidade e análise temática dos estudos sobre Educação Híbrida no Ensino Superior. O delineamento se apoia em referenciais metodológicos sobre revisão e mapeamento sistemático (Arksey; O'Malley, 2005; Kitchenham; Charters, 2007; Grant; Booth, 2009; Levac et al., 2010; Campos; Caetano; Laus-Gomes, 2023), articulando automação com IA (Gemini AI e ChatGPT) e validação humana. Embora ambas sejam formas rigorosas e transparentes de síntese de evidências, o Mapeamento Sistemático visa categorizar e estruturar uma ampla área de pesquisa para identificar lacunas de conhecimento, enquanto uma Revisão Sistemática se aprofunda para sintetizar evidências e responder a uma questão específica e focada sobre a eficácia ou o impacto de um tópico (Petersen et al., 2008).

2.1 Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios foram organizados em inclusão e exclusão, para explicitar o recorte temporal, a aderência temática, o nível de ensino, o idioma, o tipo de publicação e a disponibilidade do texto integral, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Critérios de inclusão e exclusão dos estudos

Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
Publicações revisadas por pares, empíricas ou teóricas, publicadas entre 2015 e 2025.	Estudos fora do recorte temporal ou sem metodologia explicitada.
Estudos sobre Educação Híbrida/blended learning no Ensino Superior.	Estudos sobre educação básica ou EaD sem articulação com hibridismo.
Textos em português, inglês ou espanhol, com acesso integral.	Duplicados, sem texto integral, opinativos ou institucionais sem revisão por pares.
Aderência ao problema: concepções, desafios, possibilidades ou práticas híbridas.	Trabalhos sem aderência ao Ensino Superior ou ao objeto investigado.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

2.2 Bases e estratégias de busca

A busca ocorreu em seis bases: Scopus, Web of Science, ERIC, SciELO, Periódicos CAPES e Google Scholar. As expressões foram validadas previamente e adaptadas aos campos de busca de cada base, contemplando variações terminológicas em português, inglês e espanhol, conforme o Quadro 2.

Quadro 2: Strings de busca utilizadas

Idioma	String principal
Português	("educação híbrida" OR "ensino híbrido" OR "aprendizagem híbrida") AND ("ensino superior" OR universidade OR graduação OR pós-graduação)
Inglês	("blended learning" OR "hybrid education" OR "hybrid learning") AND ("higher education" OR university OR undergraduate OR postgraduate)
Espanhol	("educación híbrida" OR "aprendizaje híbrido" OR "enseñanza híbrida") AND ("educación superior" OR universidad OR pregrado OR posgrado)

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

2.3 Processo de seleção e refinamento

O processo de seleção combinou leitura de títulos, resumos, palavras-chave e textos completos. As decisões de permanência ou exclusão foram registradas em planilha de controle, com conferência manual das duplicidades e validação final pelas autoras, conforme o Quadro 3.

Quadro 3: Progressão da pesquisa - Educação Híbrida

ETAPAS		PROCEDIMENTOS
1	IDENTIFICAÇÃO	37.185 registros identificados nas seis bases de dados;
2	APLICAÇÃO DE FILTROS	filtros por assunto, idioma, tipo documental e período (2015–2025), resultando em 263 estudos;
3	TRIAGEM	leitura de títulos, resumos e palavras-chave, com controle em planilha; 150 textos disponíveis integralmente;
4	ELEGIBILIDADE	leitura integral, conferência manual e exclusão de 58 duplicatas/registros não aderentes, restando 91 estudos únicos;
5	CONSOLIDAÇÃO	91 artigos selecionados para análise quantitativa e qualitativa, com validação final pelas autoras.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

2.4 Inteligência Artificial na cocuradoria de dados

Gemini AI e ChatGPT foram utilizados como apoio técnico à cocuradoria: leitura

exploratória de títulos, resumos e palavras-chave; identificação de duplicidades; agrupamento semântico; e elaboração preliminar de planilhas analíticas. Os comandos solicitaram classificação por aderência temática, idioma, tipo de estudo, nível de ensino e presença de discussão sobre hibridismo. As autoras conferiram manualmente os resultados, revisaram títulos, resumos e textos completos, corrigiram inconsistências e assumem responsabilidade integral pela análise e pela redação final.

2.5 Estratégias de análise

Os 91 estudos foram analisados quantitativa e qualitativamente. A análise quantitativa foi realizada por meio do Power BI, para mapear a distribuição temporal, geográfica e tipológica, evidenciando crescimento expressivo das publicações a partir de 2020. A análise qualitativa identificou concepções, desafios e tendências de inovação da Educação Híbrida, articulando condições de implementação e perspectivas pedagógicas. A triangulação entre ambas assegurou visão ampla do fenômeno e coerência com o mapeamento sistemático realizado.

3. Resultados

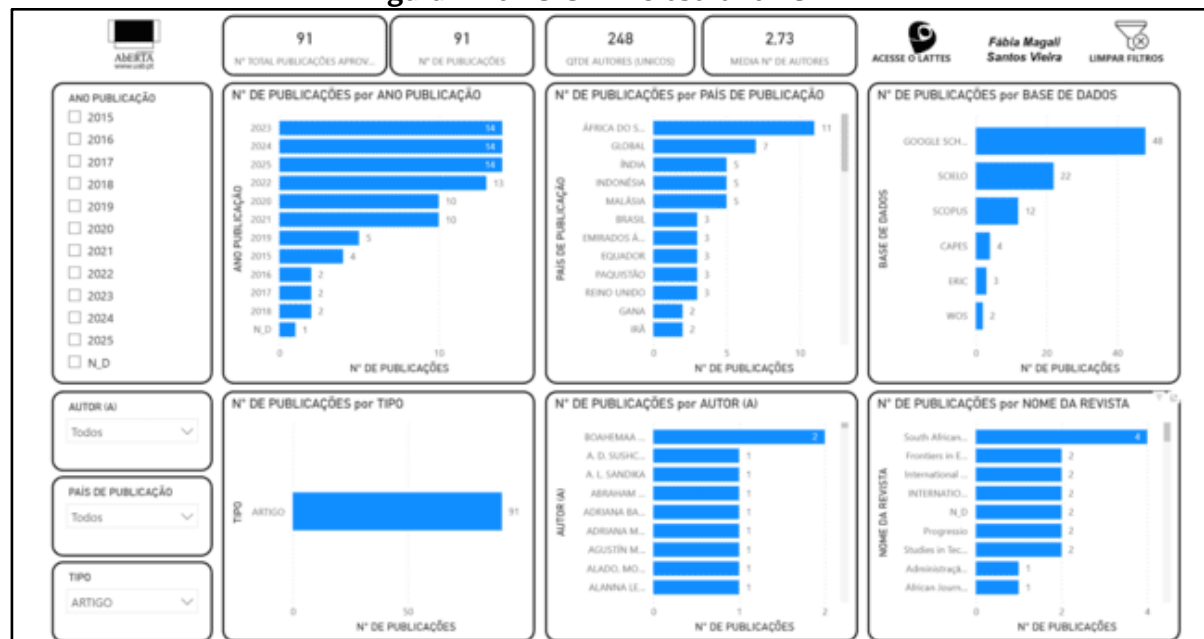
A análise dos 91 trabalhos selecionados permitiu sistematizar o panorama da produção científica sobre Educação Híbrida no Ensino Superior, no período de 2015 a 2025, articulando dois eixos complementares: a análise quantitativa, voltada para a descrição das tendências de publicação, e a análise qualitativa temática, voltada para a identificação de concepções, desafios e possibilidades recorrentes nos estudos.

3.1 Análise Quantitativa

Os gráficos obtidos por meio do painel em Microsoft Power BI (Figura 1) revelam uma tendência de crescimento expressivo na produção científica sobre Educação Híbrida a partir de 2020, com pico de publicações em 2023. Esse aumento coincide com o período de reorganização educacional provocado pela pandemia de covid-19 e com a publicação de atos normativos que consolidaram o híbrido como estratégia pedagógica permanente no Brasil e em outros países. O painel interativo, que permite explorar filtros, estudos temporais e diferentes recortes analíticos, encontra-se disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoieYzZiNzIzY2QtNmJiNC00YTE1LTgoZGMtMDk1ODQ5M2VlNjhliiwidCI6IjViMGYzMWZiLTM1ZDI0NDUxMyiNzE1LTIhNGY2NmM5MmEwMSJ9>

(acesso em: 05 dez. 2025).

Figura 1 - Painel em Microsoft Power BI



Fonte: Figura da p.2 - Microsoft Power BI, 2025.

A análise temporal indica três momentos distintos que são entre 2015 e 2019, apresentando uma produção incipiente e de caráter exploratório, concentrada em estudos descritivos e relatos de experiência sobre o uso de plataformas digitais no ensino superior. Já entre 2020 e 2022, observamos um crescimento acentuado, refletindo o impacto da pandemia e o predomínio do ensino remoto emergencial como campo de experimentação para práticas híbridas; em 2023 e 2025 existe a consolidação do hibridismo como eixo estruturante de inovação pedagógica, com ampliação de abordagens teóricas e metodológicas.

Quanto à distribuição geográfica, os países com maior número de publicações foram a África do Sul, a Indonésia, a Malásia e o Brasil. Esse dado revela a expansão da discussão sobre Educação Híbrida, caracterizada por desafios estruturais, contextos de desigualdade digital e por forte investimento em políticas de inovação educacional e tecnologias emergentes.

3.2 Concepções de Educação Híbrida

A literatura evidencia uma evolução conceitual da Educação Híbrida ao longo da

última década. Os dados desta pesquisa nos apontam que nos estudos mais antigos (2015–2019), predomina uma visão instrumental, centrada na combinação entre atividades presenciais e on-line, sob forte influência do modelo de Horn e Staker (2015). O foco recai sobre a dimensão tecnológica das práticas de ensino, sem aprofundar a dimensão epistemológica do conceito. Nesta perspectiva, a concepção de educação híbrida manteve forte alinhamento ao modelo tecno-metodológico do *blended learning* clássico, entendido como a combinação planejada de momentos presenciais e on-line. A literatura do período, influenciada por abordagens norte-americanas e europeias (como Horn; Staker e Graham), enfatiza a eficiência, a flexibilização e a centralidade das plataformas LMS como suporte às práticas formativas. Trata-se de uma visão predominantemente instrucional e tecnicista, orientada para o desempenho, o desenho instrucional e a gestão dos processos educativos, com atenção especial ao acesso, à satisfação e aos resultados dos estudantes.

Entre 2020 e 2022, a concepção de educação híbrida é marcada pelo contexto da pandemia de covid-19, assumindo um caráter emergencial-adaptativo que redefine temporariamente o sentido do termo. A literatura do período descreve o híbrido como uma necessidade contingencial, vinculada à rápida adaptação institucional para garantir continuidade pedagógica diante das restrições sanitárias. Os estudos abordam a articulação entre ensino remoto e retorno gradual ao presencial, destacando desafios relacionados a aspectos de infraestrutura, conectividade, acessibilidade e formação docente para o uso intensivo de tecnologias digitais. Assim, o conceito vigente nesse intervalo compreende a educação híbrida como uma reorganização emergencial das práticas pedagógicas, articulando as modalidades remota e presencial de ensino de maneira adaptativa para responder às condições impostas pela crise sanitária.

Entre 2023 e 2025, os trabalhos apontam uma inflexão conceitual significativa, consolidando uma visão ecossistêmica, conectiva e multimodal de educação híbrida. Os estudos mais recentes, inclusive os mapeados em 2023 e 2024, descrevem o híbrido como um ecossistema de aprendizagem (Schlemmer; Moreira, 2020; Schlemmer, 2020), no qual experiências presenciais, digitais, móveis, ubíquas e imersivas (XR) se integram de forma fluida e contínua. Nesse período, as TD e a inteligência artificial passam a ser reconhecidas como agentes do processo educativo, em diálogo com perspectivas sociotécnicas

defendidas por Latour (2012). Os trabalhos também destacam o fortalecimento da personalização, da autoria, da colaboração em rede e da hibridização como condição cultural, como arranjo metodológico. Além disso, marcos normativos como o Parecer CNE/CP 14/2022 e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2024 ajudam a institucionalizar essa abordagem no cenário educacional brasileiro.

A emergência da noção da “sociedade *onlife*” (Floridi, 2014) é um marco nessa transição, ampliando a ideia de híbrido para além da alternância entre modalidades. A perspectiva *onlife*, tal como formulada por Floridi e corroborada por Schlemmer (2020); Moreira e Schlemmer (2020) no campo educacional, constitui um paradigma que descreve a condição epistemológica, antropológica, sociológica e ontológica da vida contemporânea, marcada pelo acoplamento entre o humano e o digital. No paradigma *OnLIFE*, a educação híbrida ultrapassa a noção de “mistura de presencial e *on-line*”, tornando-se uma expressão, uma forma de materializar práticas que emergem de uma configuração, uma arquitetura prática de organização dos tempos, espaços e mediações. Nesse sentido, configura-se como um arranjo ecossistêmico, uma manifestação da aprendizagem distribuída em redes. A Figura 2, a seguir, apresenta seu desdobramento didático-metodológico, a concretização, no campo pedagógico, das condições *onlife*.

Figura 2 - Mapa Conceitual da Educação Híbrida como Expressão do Paradigma OnLIFE



Fonte: Figura elaborada pelas autoras com uso do ChatGPT, nov. 2025.

Trata-se, então, de um paradigma que redefine a educação contemporânea particularmente presente em estudos produzidos por Schlemmer (2020) e Moreira e Schlemmer (2020), nos quais a noção de “híbrido” adquire também sentido político, associado à busca por equidade e inclusão digital. O híbrido constitui a expressão prática e didático-metodológica de ecossistemas distribuídos, conectivos e multimodais, articulando diferentes tempos, espaços, mídias e formas de conexões humanas e não humanas.

Quadro 4: Educação OnLIFE como aporte epistemológico para a Educação Híbrida

DIMENSÃO	EDUCAÇÃO ONLIFE (PARADIGMA)	EDUCAÇÃO HÍBRIDA (CONFIGURAÇÃO)
NATUREZA	Paradigma ontológico e epistemológico.	Configuração pedagógica e metodológica.
FUNDAMENTO TEÓRICO	Combina a filosofia de Floridi (2014) e a teoria ator-rede (Latour, 2012) às epistemologias reticulares (Di Felice, 2012), e da complexidade (Morin, 2015). Esse conjunto conceitual sustenta um paradigma que vê o aprender como experiência distribuída em ambientes informacionais, híbridos, multimodais com humanos e não humanos (Schlemmer; Moreira, 2020).	Integra tecnologias digitais (Horn; Staker, 2015), epistemologias reticulares, mediações sociotécnicas (Latour, 2012) e o paradigma onlife (Floridi, 2014; Moreira; Schlemmer, 2020), compreendendo o híbrido como configuração pedagógica conectiva entre múltiplos espaços-tempos e múltiplos agentes, humanos e não humanos, em ecossistemas complexos de aprendizagem.
FOCO	Vida em ambiente híbrido permanente; dissolução das fronteiras on/offline.	Organização das práticas educativas em múltiplos espaços-tempos.
ESCOPO	Macro (condição conectivas da contemporaneidade).	Meso/micro (currículo, práticas, metodologias).
MEDIAÇÃO	Agenciamento contínuo entre AH e ANH.	Articulação intencional de tempos presenciais, digitais, móveis, ubíquos, XR.
EXPRESSÃO	Cultura Ecológica-conectiva.	Práticas pedagógicas multimodais.
RESULTADO FORMATIVO	Ecossistemas de Aprendizagens.	Aprendizagens conectivas e distribuídas.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

3.2.2 Desafios identificados

A partir da análise sistemática do corpus selecionado, foi possível identificar os principais desafios recorrentes nos estudos sobre Educação Híbrida no Ensino Superior. Essas categorias refletem tanto limitações estruturais quanto tensões pedagógicas, metodológicas e institucionais presentes nas investigações realizadas ao longo da última década. O Quadro 5, apresentado a seguir, organiza esses desafios em eixos temáticos, permitindo visualizar as fragilidades apontadas pela literatura e evidenciar os pontos críticos que ainda demandam atenção de pesquisadores, gestores e formuladores de políticas. Os desafios identificados nos trabalhos analisados, conforme apresentado no Quadro 5, foram assim categorizados:

Quadro 5: Desafios da Educação Híbrida

CATEGORIAS	DESAFIOS
INFRAESTRUTURA E ACESSO	<ul style="list-style-type: none"> • conexão instável; • falta de equipamentos; • ambientes virtuais deficientes; • desigualdade digital.
FORMAÇÃO E COMPETÊNCIAS DOCENTES	<ul style="list-style-type: none"> • pouca proficiência digital; • lacunas na formação continuada; • dificuldades metodológicas no híbrido.
DESAFIOS PEDAGÓGICOS E DISCENTE	<ul style="list-style-type: none"> • baixa autonomia e autorregulação; • engajamento reduzido; • sobrecarga e distrações on-line; • dificuldade em articular tempos e espaços
LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS DAS PESQUISAS	<ul style="list-style-type: none"> • ausência de rigor; • predominância de estudos descritivos; • pouca análise transdisciplinar; • avaliações superficiais.
GESTÃO E POLÍTICAS INSTITUCIONAIS	<ul style="list-style-type: none"> • falta de diretrizes claras; • pouca integração entre setores; • resistência à inovação; • modelos pouco sustentáveis.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nesta perspectiva, a análise dos desafios identificados revela um conjunto consistente de questões associadas à implementação e investigação da educação híbrida. Em primeiro lugar, destaca-se a insuficiência de infraestrutura tecnológica, especialmente

no que diz respeito ao acesso à internet, equipamentos adequados e ambientes virtuais de aprendizagem estáveis. Conecta-se a isso a desigualdade de acesso e inclusão digital, evidenciada nas dificuldades dos estudantes em acompanhar atividades síncronas e assíncronas.

A análise comparativa dos três períodos revela uma evolução significativa nos desafios associados à educação híbrida. Entre 2015 e 2019, os obstáculos concentram-se sobretudo em questões técnicas e operacionais, como limitações de infraestrutura, dependência de ambientes virtuais tradicionais, baixa autonomia discente e insuficiente formação docente para metodologias híbridas, refletindo uma concepção ainda instrumental do híbrido. No período compreendido entre 2020 e 2022, marcado pela pandemia, esses desafios se intensificam e se ampliam com as desigualdades digitais que se tornam mais evidentes, com formação docente ocorrendo de modo emergencial e superficial, e surgimento de dificuldades de engajamento e autorregulação, além de articulação aligeirada entre ensino remoto e presencial, culminando em práticas improvisadas.

Já entre 2023 e 2025, emergem desafios de ordem mais complexa e sistêmica, relacionados: à integração de tecnologias avançadas, como IA e XR; à necessidade de competências docentes ecossistêmicas; à gestão de ecossistemas multimodais e distribuídos; e à implementação de políticas educacionais que consolidam a educação híbrida como configuração pedagógica inserida no Paradigma da Educação OnLIFE. Isto posto, os desafios mais recorrentes identificados neste estudo podem ser agrupados em quatro dimensões, conforme exposto no Quadro 6.

Quadro 6: Achados identificados no mapeamento sistemático - Educação Híbrida no período de 2015 a 2025

ACHADO/DESAFIO	SÍNTESE DO RESULTADO	REFERÊNCIA(S) DO CORPUS
EXCLUSÃO DIGITAL E DESIGUALDADE DE ACESSO	Estudos destacam barreiras estruturais relacionadas à conectividade, à disponibilidade de dispositivos e à infraestrutura tecnológica, sobretudo em países da América Latina, da África e do Sudeste Asiático.	(Sebbowa, 2022; Okelue et al., 2025; Gulati et al., 2024).

<p>FORMAÇÃO DOCENTE INSUFICIENTE</p>	<p>Os trabalhos enfatizam que a carência de políticas institucionais para o uso pedagógico das tecnologias digitais é apontada como um dos principais entraves à consolidação da Educação Híbrida.</p>	<p>(Celestino; Noronha, 2021; Chaves et al., 2021; Leandro; Corrêa, 2018; Dominguez, 2024)</p>
<p>RESISTÊNCIA INSTITUCIONAL E CULTURAL</p>	<p>Observa-se que, em diversas universidades, prevalece uma cultura organizacional ainda centrada na presencialidade; as resistências se manifestam na rigidez curricular, na falta de reconhecimento dos momentos não presenciais e na ausência de indicadores de qualidade adaptados ao contexto híbrido.</p>	<p>(Celestino; Noronha, 2021; Chaves et al., 2021; Leandro; Corrêa, 2018; Dominguez, 2024; Sebbowa, 2022).</p>
<p>AValiação DA APRENDIZAGEM</p>	<p>A literatura aponta para dificuldades em desenvolver estratégias de avaliação formativa e reflexiva que contemplem a complexidade dos ambientes híbridos e as dinâmicas de autonomia estudantil.</p>	<p>(Finkel-Freyger, 2018; Rianto, 2020; Gulati et al., 2024; Allam; Senouci, 2025).</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Esses desafios revelam que a implementação da Educação Híbrida vai além da adoção tecnológica; ela demanda reconfiguração institucional, pedagógica e cultural, exigindo uma visão sistêmica da inovação.

3.2.3 Oportunidades e práticas inovadoras

A análise dos estudos selecionados permitiu identificar um conjunto expressivo de oportunidades e práticas inovadoras associadas à Educação Híbrida no Ensino Superior. Essas contribuições evidenciam o potencial do híbrido para ampliar a flexibilidade dos percursos formativos, diversificar metodologias e favorecer a personalização da aprendizagem. O Quadro 7 sistematiza essas oportunidades, destacando práticas pedagógicas e abordagens emergentes que vêm impulsionando ecossistemas de aprendizagem mais dinâmicos, colaborativos e conectivos.

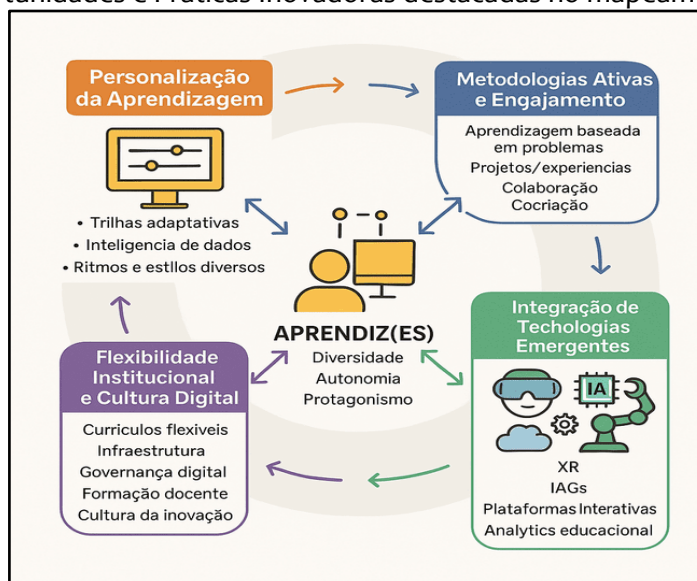
Quadro 7: Categorias sintetizadas das oportunidades

FLEXIBILIDADE E PERSONALIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • ritmos e percursos adaptáveis; • combinação de participação síncrona/assíncrona • autonomia no gerenciamento do tempo
EXPANSÃO DO ACESSO	<ul style="list-style-type: none"> • disponibilidade ampliada de materiais; flexibilização de horários e espaços; inclusão de diferentes perfis de estudantes.
ENGAJAMENTO E MOTIVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • ambientes mais dinâmicos e interativos; participação ativa e colaborativa; maior satisfação discente.
INOVAÇÃO DIDÁTICO-METODOLÓGICA	<ul style="list-style-type: none"> • metodologias ativas; multimodalidade; diversificação de tecnologias digitais.
DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DIGITAIS	<ul style="list-style-type: none"> • competências docentes emergentes; habilidades tecnológicas dos estudantes; preparo para demandas contemporâneas;
OTIMIZAÇÃO INSTITUCIONAL	<ul style="list-style-type: none"> • otimização do tempo e dos recursos; • redução de deslocamentos; articulação entre diferentes atividades acadêmicas;
POTENCIAL CIENTÍFICO E INVESTIGATIVO	<ul style="list-style-type: none"> • campo emergente para pesquisas; compreensão de tendências e práticas inovadoras.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A análise das oportunidades e práticas, identificadas nos estudos, revela um conjunto de potenciais formativos associados à educação híbrida. Inicialmente, destaca-se a flexibilidade como uma das vantagens mais consistentes, permitindo a adequação de ritmos, trajetórias e tempos de aprendizagem, além de possibilitar a articulação entre atividades presenciais e digitais de maneira mais equilibrada. Além disso, muitos trabalhos ressaltam o potencial da educação híbrida para otimizar recursos institucionais, reduzir deslocamentos, ampliar espaços formativos e promover maior integração entre ensino, pesquisa e extensão. Em contraponto aos desafios, a revisão identificou um conjunto de potencialidades e inovações associadas à adoção de perspectivas híbridas que podem ser sintetizadas na Figura 3, a seguir:

Figura 3 - Oportunidades e Práticas Inovadoras destacadas no mapeamento sistemático



Fonte: Figura elaborada pelas autoras com uso do ChatGPT, nov. 2025.

O hibridismo, entendido na perspectiva de Santos (2020), transcende a simples combinação entre o presencial e o virtual, configurando-se como uma ecologia formativa em que tempos, espaços e experiências de aprendizagem se entrelaçam de modo intencional e reflexivo. Nessa dinâmica, os percursos formativos passam a ser modelados segundo os ritmos, interesses e estilos de aprendizagem dos participantes, permitindo que cada sujeito atue como coautor do próprio processo formativo. Essa reconfiguração potencializa a autonomia e a autorregulação dos aprendentes, como evidencia a pesquisa de Santos (2020), o *blended learning*, ao articular dimensões presenciais e digitais de modo orgânico, favorece uma personalização da aprendizagem como um processo de emancipação cognitiva e profissional, em que o professor-formando reconhece e ressignifica sua própria prática a partir das interações estabelecidas nos ambientes híbridos.

Estudo realizado por Mazón (2017) sugere que ao adotar o modelo híbrido, caracterizado pela integração entre espaços presenciais e por tecnologias digitais, tornam-se viáveis práticas como a sala de aula invertida (*flipped classroom*) e rotação por estações. Essas práticas, segundo ele, fomentam o protagonismo dos estudantes, ao inseri-los em posição de construção e gestão de seus percursos, e favorecem o desenvolvimento de competências complexas, como pensamento crítico, colaboração e autorregulação, que são fundamentais para a educação contemporânea.

Outro ponto observado foi em relação à integração de tecnologias emergentes em que, ainda que de forma incipiente, há um movimento crescente de incorporação de inteligência artificial, *learning analytics* e ambientes adaptativos como elementos estruturantes das práticas híbridas, expandindo o conceito de aprendizagem conectiva (Sanders; Mukhari, 2024), destacando-se a necessidade de flexibilidade institucional e cultura digital. As experiências analisadas indicam que a Educação Híbrida favorece uma reorganização dos espaços formativos e das políticas acadêmicas, promovendo equidade de acesso, inovação curricular e respostas rápidas às transformações sociais e tecnológicas (Faznah, 2025; Glietenberg *et al.*, 2022).

4. Do Híbrido Emergencial ao Híbrido Estruturante

A análise dos resultados quantitativos e qualitativos evidencia que o campo da Educação Híbrida no Ensino Superior passou, ao longo da última década (2015–2025), de um estágio exploratório e instrumental para uma fase epistemológica e institucional, caracterizando o que se pode denominar de transição do “híbrido emergencial” para o “híbrido estruturante”. Essa passagem expressa uma mudança de tendências emergentes, relacionadas às transformações digitais e socioculturais que redefine a própria ontologia da educação na era digital.

A pandemia de covid-19 operou como evento catalisador dessa transição. Durante o período de ensino remoto emergencial, o hibridismo foi inicialmente adotado como estratégia contingencial, voltada à manutenção das atividades educacionais em meio à crise sanitária. No entanto, os dados da revisão mostram que, a partir de 2020, o termo “educação híbrida” passa a ser reconfigurado como desenho pedagógico intencional, que integra dimensões presenciais e digitais de modo orgânico, flexível e contextualizado.

Esse movimento se reflete no aumento expressivo de publicações entre 2020 e 2023, coincidindo com a emergência de debates normativos e políticas públicas nacionais e internacionais sobre o tema. No contexto brasileiro, os Pareceres CNE/CP n.º 14/2022 e n.º 34/2023 (Brasil, 2022, 2023a) consolidaram o hibridismo como estratégia formativa transversal, vinculando-o à Política Nacional de Educação Digital (Lei n.º 14.533/2023) (Brasil, 2023b) e à promoção de competências digitais docentes. Essas iniciativas

regulamentares sinalizam a passagem de um modelo adaptativo para uma política pública de inovação educacional, reafirmando a Educação Híbrida como parte integrante do sistema de ensino e não como modalidade provisória.

4.1 A Educação Híbrida como Ecossistema de Inovação Pedagógica

Esse ecossistema é composto por redes, nas quais humanos e tecnologias coevoluem em processos de ensino e de aprendizagem conectados digitalmente. Tal concepção aproxima-se das formulações de Schlemmer e Moreira (2020), que defendem o hibridismo como ecologia multimodal, e de Di Felice (2020), que descreve o “habitar atópico” como experiência comunicativa em rede.

O conceito de *onlife*, proposto por Luciano Floridi (2014), é particularmente relevante para compreender essa configuração. Ao dissolver as fronteiras entre o *on-line* e o *offline*, Floridi (2014) propõe uma visão de mundo na qual a experiência humana é simultaneamente informacional e material, rompendo com dualismos que historicamente separaram o “virtual” do “real”. Aplicado à educação, o paradigma *OnLIFE* implica reconhecer que o aprendizado ocorre em fluxo contínuo entre ambientes físicos e digitais, demandando novas arquiteturas curriculares, cognitivas e afetivas. A Educação Híbrida, nesse sentido, é expressão da condição *onlife* da aprendizagem, um estado de coexistência e conectividade que transcende o espaço escolar tradicional.

4.2 Desafios e contradições estruturais

Apesar dos avanços, a revisão evidencia a permanência de barreiras estruturais e contradições sistêmicas que desafiam a consolidação plena do híbrido. O primeiro obstáculo é a desigualdade digital, que se manifesta tanto em termos de infraestrutura quanto de competências tecnológicas. Em países do Sul Global, como Brasil, Indonésia e África do Sul, a precariedade da conectividade e a falta de acesso a dispositivos adequados comprometem os princípios de inclusão e equidade digital, reproduzindo desigualdades históricas na educação superior.

Outro desafio é a formação docente. Embora os estudos reconheçam o papel do

professor como *designer* de experiências híbridas, a formação continuada tem se limitado a aspectos instrumentais, sem alcançar a dimensão crítica e epistemológica da cultura digital (Leandro; Corrêa, 2018; Garcia *et al.*, 2019). As resistências institucionais e culturais também são recorrentes. Entende-se, a partir dos contextos analisados, que predomina uma lógica presencialista e burocrática que dificulta o reconhecimento de práticas híbridas, restringindo sua adoção a projetos pontuais (Kung-Teck *et al.*, 2019; Martínez, 2022). Essa resistência está associada à falta de políticas de avaliação compatíveis com a natureza do híbrido, o que mantém a hegemonia de modelos centrados na produtividade e na mensuração, em detrimento da aprendizagem.

4.3 Implicações para o ensino superior e políticas educacionais

A análise também evidencia a adoção de uma configuração pedagógica híbrida, que integra experiências de aprendizagem distribuídas no Ensino Superior e desloca as instituições de uma ecologia cognitiva marcada pela conectividade, fluidez e recombinação contínua de experiências formativas. Tal deslocamento se inscreve em um horizonte epistemológico no qual a aprendizagem deixa de ser concebida como transmissão linear e passa a assumir configurações reticulares, distribuídas entre múltiplos espaços e tempos, com tecnologias digitais que proporcionam novas condições de produção do conhecimento.

Nesse cenário, as políticas curriculares são tensionadas a reconhecerem que o “híbrido” reconfigura o próprio desenho pedagógico, deslocando-o para a lógica do percurso personalizado e inventivo que amplia a agência estudantil e a autorregulação. Esse movimento reivindica o abandono de modelos prescritivos e centralizados, aproximando-se de compreensões que tratam o currículo como território conectivo, aberto à composição entre humanos e artefatos (Schlemmer; Moreira, 2020).

A formação e o desenvolvimento docente emergem como campo estratégico, uma vez que o professor é reposicionado da centralidade transmissiva para o papel de agente de experiências de processos distribuídos. Os estudos demonstram que avanços tecnológicos, em si, não produzem inovação educativa, ela depende da formação docente de acoplar, de modo crítico e ético, tecnologias digitais às intencionalidades pedagógicas.

Assim, políticas de formação continuada devem incorporar dimensões reflexivas e epistemológicas que abordem tensões como autoria, curadoria digital e práticas avaliativas em ambientes híbridos (Modelska *et al.*, 2018).

Considerações Finais

O mapeamento sistemático da literatura, realizado entre 2015 e 2025, evidenciou a consolidação teórica, metodológica e institucional da Educação Híbrida no Ensino Superior, marcada pela transição do modelo emergencial para um arranjo estruturante das práticas pedagógicas. O híbrido deixa de ser resposta circunstancial à pandemia e passa a configurar-se como princípio epistemológico de ecologias de aprendizagem, sustentado pela intensificação da cultura digital e pela reorganização das temporalidades e espacialidades educativas.

Os dados quantitativos confirmam a expansão do campo, com crescimento expressivo das produções a partir de 2020 e ápice em 2023, convergente com marcos normativos e políticas de transformação digital. Especificamente no Brasil, destaca-se a institucionalização do híbrido como diretriz formativa, materializada nos Pareceres CNE/CP n.º 14/2022 e 34/2023 e na Lei n.º 14.533/2023, que fundamentam sua adoção como política de inovação, combinando flexibilidade, equidade e cultura digital.

Do ponto de vista conceitual, a revisão indica uma mudança do entendimento instrumental do híbrido para uma concepção ecossistêmica e conectiva, que reconhece a aprendizagem como experiência distribuída entre humanos, tecnologias e ambientes. Apesar dessa evolução, persistem limitações estruturais: desigualdades de acesso, insuficiência de formação docente, resistência institucional e fragilidades avaliativas. Com o paradigma da educação OnLIFE, o híbrido assume natureza conectiva e ética, demandando governança pedagógica inovadora, políticas integradas de inclusão, desenvolvimento docente e compromisso com a equidade digital.

Referências

ALLAM, A.; SENOUCI, B. Platform Based DL Applications Design: Autonomous Vehicles Case Study. In: International Conference on Artificial Intelligence in Information and Communication (ICAIIIC), 2025, Fukuoka. **Proceedings...** Fukuoka: IEEE, 2025. p. 0901-0904. DOI: 10.1109/ICAIIIC64266.2025.10920817

AL HAJRI, M.; AL-MAHROOQI, R.; DENMAN, C. **Evaluating the quality of blended learning in higher education: teachers' and students' perceptions in an Omani EFL context.** Arab World English Journal, v. 11, p. 20–42, 2025. DOI: 10.24093/aweij/call11.2

ARKSEY, H.; O'MALLEY, L. Scoping studies: towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 8, n. 1, p. 19–32, 2005. DOI: 10.1080/1364557032000119616.

ANDRADE, D. P. C. M. de; MONTEIRO, M. I. Educação híbrida: abordagens práticas no Brasil. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 5, n. 14, p. 250-264, 2019. DOI: 10.21920/recei72019514250264

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 14, de 5 de julho de 2022.** Diretrizes nacionais para o ensino e o aprendizado híbrido. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec>>. Acesso em: 21 fev. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 34, de 8 de agosto de 2023.** Diretrizes nacionais para o ensino e aprendizado híbrido destinado à formação graduada, à pós-graduação stricto sensu e à pesquisa institucional presenciais, mediados por tecnologias da informação e comunicação. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2023a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior-seres/30000-uncategorised/91051-educacao-hibrida>>. Acesso em: 21 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023.** Institui a Política Nacional de Educação Digital – PNED. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2023b. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/14533.htm>. Acesso em: 21 fev. 2026.

CELESTINO, E. H; NORONHA, A. B. Blended learning: a systematic review of advantages and disadvantages in students' perceptions and impacts on higher education institutes. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 22, n. 1, p. 31–63, 2021. DOI: 10.13058/raep.2021.v22n1.1915

CHAVES, G.; MARIANO, T. V.; VOERKEL, J. P. **Deutsch lernen im blended-format: experiências com o programa Idiomas sem Fronteiras – Alemão.** Pandaemonium Germanicum, v. 24, n. 42, p. 165–192, 2021. DOI: 10.11606/1982-8837.24.42.165

GRANT, M. J.; BOOTH, A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. **Health Information & Libraries Journal**, v. 26, n. 2, p. 91–108, 2009. DOI: 10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x.

CAMPOS, A. F. M. de; CAETANO, L. M. D.; LAUS-GOMES, V. Revisão sistemática de literatura em educação: características, estrutura e possibilidades às pesquisas qualitativas. **Linguagens, Educação e Sociedade**, v. 27, n. 54, p. 139–169, 2023. DOI: 10.26694/rles.v27i54.2702

DI FELICE, M. Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do

antropomorfismo social. **Revista USP**, n. 92, p. 6–19, 2012. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i92p6-19

DI FELICE, M. **A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2020.

DOMINGUEZ, F. da R. **Adoção institucional e implementação do sistema blended learning no ensino superior: novo paradigma à formação de professores**. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024.

FAZNAH, F.; KHAERUDIN, K.; TARJIAH, I. Analyzing the Necessities for Blended Learning in Higher Education: A Pathway to Flexible Learning. **Jurnal Pendidikan: Teori, Penelitian, dan Pengembangan**, v. 10, n. 1, p. 11-18, 2025. DOI: <https://doi.org/10.17977/jptpp.v10i1.25649>

FINKEL-FREYGER, J. **Blended learning in higher education: exploring students' perceptions of course design, pedagogical approaches, and use of technology in an undergraduate visual arts course**. 2018. Tese (Doctor of Philosophy in Education) – York University, Toronto, 2018.

FLORIDI, L. (Ed.). **The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era**. Cham: Springer Open, 2014.

GLIETENBERG, S. H.; PETERSEN, N.; CAROLIN, A. Teacher educators' experiences of the shift to remote teaching and learning due to COVID-19. **South African Journal of Childhood Education**, v. 12, n. 1, p. 1-10, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4102/sajce.v12i1.1189>

GULATI, A., SAINI, H., SINGH, S., & KUMAR, V. Enhancing learning potential: investigating marketing students' behavioral intentions to adopt chatgpt. **Marketing Education Review**, v. 34, n. 3, p. 201-234, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/10528008.2023.2300139>

HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

KITCHENHAM, B.; CHARTERS, S. **Guidelines for performing systematic literature reviews in software engineering: Version 2.3**. Keele: Keele University; Durham: University of Durham, 2007. Technical Report EBSE-2007-01.

KUNG-TECK, W.; ABDULLAH, N.; ABAS, N. A. H. Blended learning pedagogical practices: the challenges to cultivate new ways of teaching in higher education institutions and universities. **International Journal of Engineering and Advanced Technology**, v. 9, n. 1, p. 4178–4184, 2019. DOI: 10.35940/ijeat.A1427.109119

LATOURE, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LEVAC, D.; COLQUHOUN, H.; O'BRIEN, K. K. Scoping studies: advancing the methodology. **Implementation Science**, v. 5, n. 69, 2010. DOI: 10.1186/1748-5908-5-69.

LEANDRO, S. M.; CÔRREA, E. M. Ensino híbrido (blended learning): potencial e desafios no

ensino superior. **EmRede – Revista de Educação a Distância**, v. 5, n. 3, p. 387–396, 2018. DOI: 10.53628/emrede.v5i3.369

MARTÍNEZ, P. del R. E. Un modelo blended learning en una institución de educación superior: un diagnóstico inicial. **Revista Iberoamericana para la Investigación y el Desarrollo Educativo**, v. 12, n. 24, e332, 2022. DOI: 10.23913/ride.v12i24.1165

MAZÓN, M. **As tecnologias da informação e comunicação aplicadas ao modelo da sala de aula invertida**: uma experiência no ensino superior. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MODELSKI, D.; AZEREDO, I.; GIRAFFA, L. M. M. Formação docente, práticas pedagógicas e tecnologias digitais: reflexões ainda necessárias. **REPesquiseduca**, v. 10, n. 20, p. 116-133, 2018.

MORAN, J. M. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. In: Lilian BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Orgs.). **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-45.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 2–25.

MORIN, E.; LISBOA, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOREIRA, J. A. M.; HORTA, M. J. Educação e ambientes híbridos de aprendizagem: um processo de inovação sustentada. **Revista UFG**, v. 20, n. 26, 2020. DOI: 10.5216/revufg.v20.66027

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital OnLIFE. **Revista UFG**, v. 20, n. 26, 2020. DOI: 10.5216/revufg.v20.63438

OKELUE, C.; HENRIETTA, N. O.; ALADO, M. I. Gender dynamics and infrastructural challenges on the implementation of blended learning in higher education. **International Journal of Research and Innovation in Social Science**, v. IX, n. III, p. 2276–2284, 2025. DOI: 10.47772/IJRISS.2025.903SEDU0176

PETERSEN, K.; FELDT, R.; MUJTABA, S.; MATTSSON, M. Systematic mapping studies in software engineering. In: International Conference on Evaluation and Assessment in Software Engineering, 12., 2008, Bari. **Proceedings...** Swindon: BCS Learning & Development, 2008. p. 68–77.

PASINI, C. G. D.; CARVALHO, É. de; ALMEIDA, L. H. C. **A educação híbrida em tempos de pandemia**: algumas considerações. Observatório Socioeconômico da Covid-19, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Texto para discussão nº. 9, p. 1–9, 2020. Disponível em:

<https://www.osecovid19.cloud.ufsm.br/media/documents/2021/03/29/Textos_para_Discussao_09_-_Educacao_Hibrida_em_Tempos_de_Pandemia.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2026.

RIANTO, A. Blended learning application in higher education: EFL learners' perceptions, problems, and suggestions. **Indonesian Journal of English Language Teaching and Applied Linguistics**, v. 5, n. 1, p. 55–68, 2020. DOI: 10.21093/ijeltal.v5i1.574

SANDERS, D. A.; MUKHARI, S. S. Lecturers' perceptions of the influence of AI on a blended learning approach in a South African higher education institution. **Discover Education**, v. 3, e135, 2024. DOI: 10.1007/s44217-024-00235-2

SANTOS, V. L. P. dos. **Blended learning na formação continuada de professores universitários: novas conexões à profissionalização e à prática docente**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SCHLEMMER, E. Políticas e práticas na formação de professores a distância: por uma emancipação digital cidadã. In: GATTI, B. A.; SILVA JUNIOR, C. A. da; NICOLETTI, M. da G.; PAGOTTO, M. D. S. (Orgs.). **Por uma política nacional de formação de professores**. São Paulo: Unesp, 2013. p. 109-136.

SCHLEMMER, E. Gamificação em espaços de convivência híbridos e multimodais: design e cognição em discussão. **Revista da FAAEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 23, n. 42, p. 73-89, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.2014/jul.dezv23n42007>

SCHLEMMER, E. Mídia social em contexto de hibridismo e multimodalidade: o percurso da experiência na formação de mestres e doutores. **Revista Diálogo Educacional**, v. 15, n. 45, p. 399-421, 2015. DOI: 10.7213/dialogo.educ.15.045.DS02

SCHLEMMER, E. Games e Gamificação: uma alternativa aos modelos de EaD. **RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, v. 19, n. 2, p. 107-124, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5944/ried.19.2.15731>

SCHLEMMER, E. **Gamificação em espaços de convivência híbridos e multimodais: a educação na cultura digital (Relatório de Pesquisa)**. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

SCHLEMMER, E. Projetos de aprendizagem gamificados: uma metodologia inventiva para a educação na cultura híbrida e multimodal. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 27, n. 1, p. 42-69, 2018. DOI: 10.14295/momento.v27i1.7801

SCHLEMMER, E. Dossiê: Educação em Contextos Híbridos e Multimodais. **Educação Unisinos**, v. 23, n. 4, p. 602-608, out./dez., 2019a. DOI: <https://doi.org/10.4013/edu.2019.234.ap2>

SCHLEMMER, E. Da Linguagem Logo aos Espaços de Convivência Híbridos e Multimodais: percursos da formação docente em tempos de Humanidades Digitais. In: DIAS-TRINDADE, S.; MILL, D. (Orgs.). **Educação e Humanidades Digitais: aprendizagens, tecnologias e cibercultura**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019b. p. 125-158.

SCHLEMMER, E. **Ecosistemas de Inovação na Educação na cultura híbrida e multimodal (Relatório de Pesquisa)**. São Leopoldo: UNISINOS, 2020.

SCHLEMMER, E.; MORETTI, G.; BACKES, L. Multimodal and hybrid sharing spaces:

hypothesis and challenges for learning. **Qwerty - Open and Interdisciplinary Journal of Technology, Culture and Education**, v. 10, n. 2, p. 79–81, 2015.

SCHLEMMER, E.; BACKES, L.; LA ROCCA, F. Hybrid, multimodal, pervasive and ubiquitous living space: Daily in education for citizenship. **Educação UNISINOS**, v. 20, n. 3, p. 299-308, 2016. <https://doi.org/10.4013/edu.2016.203.03>

SCHLEMMER, E.; MOREIRA, J. A. M. Ampliando conceitos para o paradigma da educação digital OnLIFE. **Revista Interacções**, v. 16, n. 55, p. 103–122, 2020. DOI: 10.25755/int.21039

SCHLEMMER, E.; MORGADO, L. C.; MOREIRA, J. A. M. Educação e transformação digital: o habitar do ensinar e do aprender, epistemologias reticulares e ecossistemas de inovação. **Interfaces da Educação**, v. 11, n. 32, p. 764–790, 2020. DOI: 10.26514/inter.v11i32.4029

SEBOWA, D. K. History education during COVID-19: reflections from Makerere University, Uganda. **Yesterday and Today**, v. 27, n. 1, p. 117–142, 2022. DOI: 10.17159/2223-0386/2022/n27a5

NOTA SOBRE A AUTORIA

Fábia Magali Santos Vieira contribuiu para a concepção do estudo, definição do delineamento metodológico, realização da revisão sistemática da literatura, organização e análise dos dados, bem como para a redação das seções de metodologia e resultados.

Eliane Schlemmer colaborou com a fundamentação teórica, especialmente no aporte conceitual relacionado à Educação Híbrida, aos ecossistemas de aprendizagem e ao paradigma da Educação OnLIFE, além da revisão crítica do texto e do aprofundamento epistemológico da discussão.

Aline Patrícia Sobral dos Santos atuou na articulação teórico-analítica dos resultados, na problematização formativa e política da Educação Híbrida, na redação e revisão final do manuscrito, bem como na adequação do texto às exigências editoriais do periódico.

Todos os autores participaram da discussão dos resultados, revisaram criticamente o manuscrito e aprovaram a versão final submetida para publicação, assumindo responsabilidade integral pelo conteúdo apresentado.

REVISÃO TEXTUAL DO ARTIGO

Maria da Penha Brandim de Lima. Doutora e Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente Efetiva da Universidade Estadual de Montes Claros/MG - Unimontes (Centro de Ciências Humanas - Departamento de Comunicação e Letras). Pesquisadora da área de Letras, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nas áreas de leitura, produção textual e ensino de língua portuguesa. Link: <http://lattes.cnpq.br/7097122124205736>

NOTA SOBRE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Durante a produção deste artigo, Gemini AI e ChatGPT foram utilizados como apoio

técnico nas etapas de busca, triagem inicial, organização e cocuradoria do corpus bibliográfico. As ferramentas auxiliaram na leitura exploratória de títulos, resumos e palavras-chave, na identificação de redundâncias, na classificação preliminar por aderência temática e no apoio à sistematização das informações. Todos os resultados produzidos com apoio de IA foram conferidos manualmente pelas autoras, que revisaram títulos, resumos e textos completos, validaram duplicidades, corrigiram classificações, editaram criticamente a redação e assumem responsabilidade integral pelo conteúdo apresentado.

NOTA DE AGRADECIMENTO

As autoras agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo apoio ao desenvolvimento da pesquisa. Registram, igualmente, agradecimento à Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, pelo suporte institucional, acadêmico e científico. Agradecem, ainda, à Universidade Aberta de Portugal, pela interlocução acadêmica e pela cooperação científica, que contribuíram para o aprofundamento teórico-metodológico da pesquisa e para a ampliação do diálogo internacional em torno da Educação Híbrida

Recebido em: 26/02/2026

Parecer em: 08/04/2026

Aprovado em: 27/05/2026